

Jovens técnicos da Escola Família Agrícola Paulo Freire: movimentos sociais e educação continuada como uma rede social

Priscila Gregório Caon¹, Kelly da Silva², Carolina Rodrigues Gomes³, Kivia Gregório Caon⁴, Willer Araújo Barbosa⁵

Resumo

A Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP) localiza-se no município de Acaiaca, nos limites entre a Zona da Mata e Metalúrgica de Minas Gerais. A EFAP oferece Curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio, com ênfase em agroecologia. Tem como público, filh@s de pequen@s agricultor@s familiares. Falar sobre juventude do campo, profissionalização e consolidação de uma rede social dos movimentos sociais a partir das EFAs é falar sobre um tema pouco pesquisado, constituindo-se em um desafio. Nesse sentido, nosso objetivo é analisar a repercussão do retorno dos egressos das EFAs para suas comunidades, enquanto técnicos agropecuários, bem como a compreensão dessa formação técnica extensionista para o fortalecimento da agricultura familiar e agroecológica. A orientação metodológica, através do estudo de caso etnográfico de abordagem qualitativa, tenta analisar as questões centrais dessa pesquisa. Temos observado, principalmente após o II Encontro Estadual de EFAs, que há um forte movimento por parte das EFAs de que os recém-formados se tornem futuros monitores dessas e ou parceiros do movimento das EFAs.

Palavras-chave

Escola Família Agrícola. Educação do Campo. Agricultura Familiar.

1. Pedagoga, coordenadora pedagógica do Programa de Extensão Universitária Teia da Universidade Federal de Viçosa (UFV), integrante do Grupo-Movimento Ecopedagogia (DPE-UFV) e do projeto EFA Natalândia (UFV-INCRA).

E-mail: prigregori@hotmail.com.br

2. Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pedagoga pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), integrante do Programa de Extensão Universitária Teia da Universidade Federal de Viçosa (UFV), do Grupo-Movimento Ecopedagogia (DPE-UFV) e do projeto Educação, Campo e Consciência Cidadã (PRONERA).

E-mail: kelserena2003@yahoo.com.br

3. Pedagoga, coordenadora pedagógica do Programa de Extensão Universitária Teia da Universidade Federal de Viçosa (UFV), integrante do Grupo-Movimento Ecopedagogia (DPE-UFV) e do projeto Museu de Solos (UFV).

E-mail: carolcanguio@yahoo.com.br

4. Estudante do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Viçosa (UFV), integrante do Programa de Extensão Universitária Teia da Universidade Federal de Viçosa (UFV), integrante do Grupo-Movimento Ecopedagogia (DPE-UFV) e do Museu de Ciências da Terra (UFV). E-mail: kyviacaon@yahoo.com.br

5. Doutor em Educação e Movimentos Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), filósofo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professor do Departamento de Educação da UFV, coordenador pedagógico do Programa de Extensão Universitária Teia (UFV), integrante do Grupo-Movimento Ecopedagogia (DPE-UFV) e coordenador Regional do projeto Educação, Campo e Consciência Cidadã (PRONERA). E-mail: wbarbosa@ufv.br.

Young technicians of the Paulo Freire Agricultural Family School: social movements and continuing education as a social network

Priscila Gregório Caon*, Kelly da Silva**, Carolina Rodrigues Gomes***, Kivia Gregório Caon****, Willer Araújo Barbosa*****

Abstract

The Paulo Freire Agricultural Family School (EFAP) is located at Acaiaca city in the limit territory between the Forest Zone and Metallurgic Zone of Minas Gerais, Brazil. The EFAP offers a Farming and Cattle Technical, integrated to the Secondary education, with emphasis on Agroecology. It has as public the children of small familiar farmers. Speaking about rural youth, professionalization and consolidation of a social network from the social movements from the EFAs, it is to speak about a theme few studied and it was constituted a challenge. Thus, our objective is to analyze the repercussion of the egressions return from the EFAs to the communities, as Farming and Cattle Technicians, as well as the comprehension of this extension technical formation for the strengthening of the Agroecologic and Familiar Agriculture. The methodology orientation follows the ethnographic study of qualitative approach case, trying to analyze the main questions of this research. It has been observed, mainly after the II EFAs State Meeting, that is a strong movement from EFAs that the newly graduated become future monitors for those EFAs and/or partners of this movement.

Keywords

Agricultural Family School. Rural Education. Familiar Agriculture.

* Pedagogue, pedagogic coordinator of Program of University Extension Teia of Universidade Federal de Viçosa (UFV), part of Ecopedagogic Group-Movement (DPE-UFV) and EFA Natalândia Project Natalândia (UFV-IN CRA).

E-mail: prigregori@hotmail.com.br

** Master in Education, pedagogue of Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pedagogic coordinator of Program of University Extension Teia – Universidade Federal de Viçosa (UFV), part of Ecopedagogic Group-Movement (DPE-UFV) and Education, Field, Citizen Conscience Project (PRONERA). E-mail: kelserena2003@yahoo.com.br

*** Pedagogue, pedagogic coordinator of Program of University Extension Teia of Universidade Federal de Viçosa (UFV), part of Ecopedagogic Group-Movement (DPE-UFV) and museum of soil Project of UFV. E-mail: carolcanguio@yahoo.com.br

**** Student of Pedagogy Graduation of Universidade Federal de Viçosa (UFV), part of Program of University Extension Teia of UFV, of Ecopedagogic Group-Movement (DPE-UFV), and of Science of Earth Museum of UFV. E-mail: kyviacaon@yahoo.com.br

***** Doctor in Education and Social Movements of Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), philosopher by Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professor of Education Department of UFV, pedagogic coordinator of Program of University Extension Teia – Universidade Federal de Viçosa (UFV), part of Ecopedagogic Group-Movement (DPE-UFV), regional coordinator of Education, Field, Citizen Conscience Project (PRONERA). E-mail: wbarbosa@ufv.br

O homem existe no tempo – existe – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele, Temporaliza-se. Na medida, porém, em que faz essa emersão do tempo, libertando-se de sua unidimensionalidade, discernindo-a, suas relações com o mundo se impregnam de um sentido conseqüente. Na verdade, já é quase um lugar – comum afirma-se que a posição normal do homem no mundo, visto que não está apenas nele, mas com ele, não se esgota em mera passividade [...] pelo seu aspecto criador o homem pode ser eminentemente interferidor [...] herdando a experiência adquirida, criando criando, integrando-se as condições do seu contexto, respondendo aos seus desafios (FREIRE, p. 41. 1980).

A Escola Família Agrícola Paulo Freire

A Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP) localiza-se no município de Acaiaca, nos limites da Zona da Mata e Metalúrgica de Minas Gerais, e no ano de 2007 completou o seu quarto ano de funcionamento com a formatura da primeira turma. A EFAP oferece Curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio por alternância com ênfase em agroecologia e tem como público filh@s de pequen@s agricultor@s⁶ familiares.

Na busca de se pensar e implantar alternativas educativas que atendam às necessidades e aos desafios do/a jovem do campo e em especial, dos/as pequenos/as e médios/as agricultor@s familiares, emergem inúmeras experiências educacionais em todo o país, inspiradas em modelos de formação de alternância. A proposta da alternância veio ao encontro

das necessidades educacionais e sociais do meio rural, como baixo nível de escolarização, o alto índice de analfabetismo no meio rural e o grande fluxo de êxodo campo-cidade.

Em sua maioria, as experiências de alternâncias brasileiras foram inspiradas no modelo francês das Maison Familiare Rurale (MFRs). Tais experiências possuem duas vertentes organizacionais: as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), coordenadas pela União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas (UNEFAB) e as Casas Familiares Rurais (CFRs), coordenadas pelas Associações Regionais das Casas Familiares Rurais (ARCAFAR).

Lourdes Silva (2003) considera que o princípio da alternância norteia a combinação no processo de formação do/a jovem agricultor@, de períodos de vivência na escola e na propriedade rural. Procura-se alternar a formação agrícola na pequena ou média propriedade com a formação teórica geral na escola que, além das disciplinas básicas, engloba uma preparação para a vida associativa e comunitária. A ênfase na participação das famílias na condução do projeto educativo e na gestão e coordenação da escola, assim como a perspectiva de desenvolvimento comunitário rural, é o outro princípio que, articulado à alternância, sustenta o projeto pedagógico das experiências brasileiras de formação em alternância.

Dessa forma, o processo educativo não se restringe à alternância do espaço físico, mas busca ligar a teoria com a prática, vinculando os saberes populares do jovem e da família do campo.

Nesse sentido, famílias de trabalhador@s rurais, entidades, organizações e movimentos dessa região mineira, têm entendido a EFAP,

6. Esta forma gráfica está sendo adotada para levantar a questão de se questionar o masculino genérico, incluindo nele o feminino. Isso já se torna tão certo para nós que nem o percebemos, muito menos levantamos qualquer tipo de questionamento (AZIBERO, 2002, p. 17).

7. Considerando que a produção agrícola familiar, em suas múltiplas expressões, é um aspecto inerente na Zona da Mata Mineira, essa afirmação é fruto das discussões do Seminário Cenários da Agricultura Agroecológica Familiar e Camponesa da Zona da Mata, no contexto do Programa de Extensão TEIA, realizado na Universidade Federal de Viçosa, entre 07 a 09 de Setembro 2007.

mesmo porque indicam @s estudantes ao estudo, como um potencial estratégico para a promoção e o fortalecimento da agricultura familiar⁷, bem como da agroecologia enquanto modelo tecnológico mais condizente com a realidade econômica, produtiva, ambiental e social da Zona da Mata⁸. Assim sendo, nos propomos, a partir de um trabalho investigativo, monitorar, através da identificação e análise, a educação continuada a partir dos técnicos egressos da EFAP e de sua re-inserção nos movimentos sociais.

O entrelaçar de experiências

O nosso contato, envolvimento e atuação junto a EFAP foram realizados por intermédio do projeto Filosofia na Escola Família Agrícola (FinaEFA), bem como pelo trabalho desenvolvido junto ao Programa Teia/UFV, especificamente no núcleo Guaiana - EFAP. Para além do envolvimento com a EFAP, criamos relação com os movimentos sociais da Zona da Mata pela ampla rede social que o Programa Teia forma.

As oficinas ecopedagógicas e interculturais do projeto FinaEFA, realizadas com os estudantes das 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino médio da escola em questão, abrangem temas relativos à Agroecologia, Vida no Campo, Carta da Terra, Profissionalização e Interculturalidade. São essas ações que apresentam possibilidade fecunda de interlocução entre as demandas dos movimentos sociais e a EFAP.

Assim, várias atividades articuladas à EFAP procuram considerar a leitura pessoa-mundo (FREIRE, 1975) de merecida importância, porque relaciona pessoas, ambientes e realidades, através da integração pela comunicação e inserção participativa. Embora essa proposta tenha sido um desafio, torna-se possível quando percebemos

que o que permite tecer a “teia do saber” e do fazer não é um conhecimento pronto e acabado, mas sim as diferentes mãos que a tecem.

Esse mosaico de temáticas, formas de se comunicar e intervir na realidade junto a esses jovens, tem possibilitado o questionamento e reflexão sobre a inserção da juventude do campo no mundo do trabalho, de forma mais solidária e consciente. Portanto, enquanto uma perspectiva de educação continuada, bem como sobre as questões ambientais e a sustentação de práticas que garantam a preservação e recuperação da biodiversidade nos seus aspectos socioculturais.

Através dessa experiência e contato com a EFAP, percebemos que, apesar de todo esforço no sentido de uma educação do campo voltada para a agricultura familiar, inúmeros são os desafios enfrentados pela EFAP, como: a necessidade do diálogo entre as disciplinas curriculares de Base Comum Nacional e o cenário da agropecuária, a formação do técnico em agropecuária na totalidade do curso, a interação com atividades curriculares e extracurriculares, o envolvimento das famílias e movimentos na construção da alternância com maior inteiração, comunicação e reflexão entre os tempos alternantes do meio escolar e sócio-profissional e mais o constante questionamento de como fazer da Agroecologia impulso vital para o processo de formação do técnico formado para a Agricultura Familiar.

Embora tenha sofrido muitas tentativas de superação e destruição, a agricultura familiar e/ou camponesa vem se mantendo. De acordo com o Movimento da Mulher Trabalhadora Rural, podemos afirmar que a resistência da agricultura familiar e camponesa fez e faz com que as pessoas permaneçam no campo com melhor qualidade de vida. Porém, para se continuar com a luta de resistência e melhorar as condições

8. Essa constatação a respeito da agroecologia como uma ciência e uma prática popular foi feita no referido Seminário Cenários da Agricultura Agroecológica Familiar e Camponesa da Zona da Mata, onde estiveram reunidos diferentes movimentos sociais, organizações, associações, sindicatos e entidades relacionadas à agricultura regional.

básicas d@s agricultores da agricultura familiar é preciso repensar a agricultura. O que significa repensar a lógica de funcionamento, o modelo tecnológico, a política, o ensino técnico, os conceitos, os valores e os hábitos. Isso implica em uma nova agricultura, valorizando a cultura e o saber popular das agricultoras e dos agricultores, buscando a construção de tecnologias sociais, o reconhecimento e sua importância, trabalhando com os princípios da agroecologia (MMTR, 2002).

Nesse sentido, se faz necessário entender que as EFAs por si só não representam solução total para essa problemática. É imprescindível que os movimentos sociais e as organizações locais envolvidas com a agricultura familiar, busquem soluções de resistência e, dentre elas, apoiem os egressos das EFAs. Compreendendo que estes, possivelmente, possam contribuir para a consolidação de uma prática educativa que valorize o saber local e as necessidades das famílias e do ambiente.

O objetivo da assessoria técnica, suposto fim da formação escolar técnica, não pode ser somente a difusão de pacotes tecnológicos, o acompanhamento e fiscalização das operações de créditos agrícolas financiados pelos bancos, merece também, o contínuo esforço formativo. A orientação técnica deve buscar contribuir para a construção do conhecimento a partir do respeito aos saberes dos agricultores e das agricultoras por meio da experimentação, planejamento, multiplicação e uso sustentável dos recursos naturais das regiões (SOUZA; SILVA e MACIEL, 2007). Portanto, encarada como um constante processo educativo.

Mas de que forma os/as jovens técnicos egressos da EFAP se formam, organizam-se e conseguem atuar como técnicos em suas regiões? Como essa formação vem a contribuir para o contexto da organização e fortalecimento da agricultura familiar, dos movimentos sociais, e como esses contribuem para a construção de apoio para essa possível rede de educação continuada dos jovens egressos? Quais os principais desafios? Quais os rumos e trajetórias estabeleci-

das pelos movimentos sociais após a EFAP?

Falar sobre juventude do campo, profissionalização e consolidação de uma rede social dos movimentos sociais a partir das EFAs, é falar sobre um tema ainda hoje pouco pesquisado, o que constitui um desafio. Nesse sentido, é relevante a discussão sobre a repercussão do retorno dos egressos das EFAs para suas comunidades, enquanto técnicos agropecuários, bem como a compreensão dessa formação para orientação técnica extensionista e fortalecimento da agricultura familiar e agroecológica.

Nesse sentido, faz-se necessário o acompanhamento das práticas sociais educativas desses jovens egressos da EFAP, como análise de uma ação educativa continuada a partir da concepção da pedagogia da alternância, educação do campo e popular no contexto dos movimentos sociais. Bem como o entendimento de como estes estão sendo apoiados pelas organizações, movimentos e poderes públicos locais.

Para tanto, a princípio, a presente proposta fundamenta-se em teóricos como SILVA (2003), BARBOSA (2004), MACHADO e CARVALHO (2005), RIVOIR (2006) e FREIRE (1975) dentre outros, na proposta de elaborar um agenciamento entre as teorias, implicando em estudo de caso para entendimento e análise da prática social dos técnicos formados pela EFAP.

A formação de jovens do campo pela alternância educativa

A EFA Paulo Freire é uma das estratégias de desenvolvimento do campo em bases sustentáveis, conectada a outras forças sociais afins. Nasceu e se mantém pelo esforço conjunto e pelas parcerias de representantes das famílias associadas na AREFAP, do Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais da Zona da Mata, das Prefeituras e Câmaras Municipais de Acaiaca, Diogo de Vasconcelos e Guaraciaba, da Associação de Trabalhadores Rurais da Zona da Mata, da Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas (AMEFA), do Centro de Tecnologias

Alternativas da Zona da Mata, da Paróquia de Acaiaca e outros (MACHADO e CARVALHO, 2005).

Na sua criação, ao se articular ao Projeto Institucional denominado “Projeto Político-Pedagógico, Participação Comunitária e Desenvolvimento Local - Uma Parceria na Implantação das EFAs - Departamento de Educação / Universidade Federal de Viçosa”, participou do processo de capacitação pedagógica de proposta Pedagógica da Alternância para implantação de três EFAs na Zona da Mata Mineira; a saber, nos municípios de Ervália, Araponga e Acaiaca.

Em Minas Gerais, as EFAs estão vinculadas à AMEFA, constituindo uma proposta de Alternância Educativa e Educação do Campo, construída e oferecida no meio rural (VIEIRA e MACHADO, 2007). São 18 escolas formando uma rede de ensino, com iniciativas de inovação para estrutura curricular, nos diversos níveis da educação básica e ensino médio, proporcionando uma pedagogia em processo de adequação às atuais demandas do campo, ou seja, a busca de uma formação humana integral a partir de um método pedagógico que é a alternância educativa, acompanhada por uma relação família-escola, principalmente via associações das EFAs, que incluem pais, mães, profissionais e instituições para o desenvolvimento do meio, aqui a zona rural no que abrange o socioeconômico, humano, político, cultural e ambiental.

Entretanto, ainda há uma deficiência no que diz respeito à sustentação desses pilares e à implantação do ensino técnico integrado ao ensino médio, na região da Zona da Mata Mineira, podemos dizer que se encontra em constante processo de revisita e ação – reflexão. A EFAP, já no seu primeiro ano de funcionamento, recebeu jovens das famílias da Zona Rural dos municípios de Acaiaca, Araponga, Barra Longa, Carangola, Caiana, Diogo de Vasconcelos, Divino, Espera Feliz, Mariana, Ponte Nova, Guaraciaba, Sem Peixe, Piranga e Jequeri. Ess@s jovens educand@s se encontram envolvidos em diferentes Movimentos Sociais, a saber: Movimento dos Atingidos

por Barragens, Movimento Sindical, Movimento da Rede de Economia Solidária, Pastoral da Juventude Rural.

Atualmente, funciona com três turmas de 1º, 2º e 3º ano, com um total de 90 educand@s. Utiliza Instrumentos da Pedagogia da Alternância como: Planos de Formação, de Estudo, Cadernos da Realidade, Fichas Pedagógicas, Colocação em Comum, Tempo-escola e Tempo-comunidade, Estágios de Vivência em Agroecologia e Estágios Supervisionados de Orientação Técnica, entre outros. Para além, destinam terrenos e plantações para a implementação de princípios da Agroecologia, da produção orgânica e da valorização da agricultura familiar. Buscam no tripé prática-teoria-prática, mediado pelos instrumentos pedagógicos, ressignificar a realidade, o viver comunitariamente e fomentar uma práxis educativa para transformação da realidade.

Essa combinação permite a reflexão sobre a cultura popular com todos os seus valores intrínsecos e contradições, buscando inter-relacionar as necessidades e potencialidades sociais e econômicas do campo, através da aprendizagem significativa (BARBOSA, 2002). Dessa forma, a busca da EFAP vai ao encontro dos princípios e Programa de Ação da Conferência Mundial sobre Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural no que diz respeito ao ensino, capacitação e extensão, visando: i) criação e ampliação de redes de capacitação e extensão para homens e mulheres, as quais permitam adquirir e aperfeiçoar técnicas e aumentar a produtividade, a possibilidade de obter renda; ii) estabelecer vínculos efetivos entre as atividades de extensão e pesquisa sobre os diversos problemas; iii) Relacionar os planos de estudo e os programas das escolas de educação primária e secundária com a vida cotidiana e o trabalho das áreas rurais, incluindo-se a demanda sazonal de mão-de-obra e as características próprias de produção agrícola.

Percebemos que é fundamentalmente necessário um monitoramento da prática d@s jovens após a EFAP sobre como essa formação pela alternância educativa tem formado

profissionalmente estes; como acontece esse processo, pensando-o como uma ação educativa continuada de *técnic@s recém-formad@s* que retornam aos movimentos e comunidades locais com uma releitura e prática social oriunda da formação pela EFA.

Ainda sobre a discussão da pedagogia da alternância, Silva (2003) compreende que nas raízes, no significado de alternância, princípio fundamental das EFAs, encontra-se a expressão do desejo e valorização do processo de escolarização de uma população que, historicamente, tem enfrentado sérias dificuldades de acesso e permanência na escola. Esse quadro é favorecido pela escassez de escolas, além do tipo de educação oferecida à população rural em que predomina uma concepção unilateral da relação campo-cidade com difusão de valores, conhecimentos e atitudes distantes do modo de vida e da cultura da população do meio rural. Por essas razões, e tantas outras aqui não mencionadas, perpassa a compreensão e, sobretudo, a valorização da alternância pelos atores da EFA.

Nessa perspectiva, o regime de alternância possibilita aos segmentos marginalizados pelo sistema tradicional de ensino o frequentar a escola, por não afastar o/a jovem do seu meio, porque respeita a necessidade que as famílias de produtores(as) e trabalhadores(as) rurais têm do trabalho do jovem em casa e mais do que isso; a Pedagogia da Alternância busca integrar a escola com a família e a comunidade d@educand@. Em consonância com a Educação do Campo percebe que para se fazer uma escola do campo, é preciso o que Paulo Freire denominou leitura pessoa-mundo, ou seja, identificar as ações e as práticas sociais que são constitutivas de sua população, conhecimentos, estrutura de sentimentos, formas de compartilhar a vida, aspirações e dificuldades.

Ainda vale ressaltar [...] que as pessoas estu-

dantes – alternantes encontram-se no centro deste complexo, pois a alternância cria também um confronto entre campos culturais, isto é estabelece a possibilidade de uma educação intercultural: i) de um lado a cultura de vários locais, dos diferentes territórios de onde vem @s estudantes-alternantes e onde moram com suas famílias (intensiva ou extensiva), com sua maneira de ser, de pensar, de falar, sua linguagem, suas expressões, suas referências; ii) de outro lado, a dita cultura oficial, da sociedade mais geral com suas próprias referências, a escrita, a leitura, seu registro de língua especializada, sua cultura profissional, bem como a realidade capitalista com sua crescente desigualdade social, desemprego estrutural etc iii) e ainda mais a cultura da escola com suas palavras, suas finalidades, seu ambiente, suas próprias referências das outras culturas, na medida em que está afastada e até em ruptura com o mundo circunvizinho (BARBOSA et al., 2004).

Dessa forma, podemos pensar a EFAP como uma rede social, que estabelece relações interculturais⁹ primárias e secundárias, produzindo uma relação diferenciada entre a juventude da agricultura familiar do meio rural, suas famílias e comunidades, EFAs de MG e entre os demais parceiros envolvidos. Nessa rede perpassa a discussão profissional, da identidade do jovem do campo, da agroecológica, da assistência técnica e da extensão, possibilitando trocas de saberes, de experiências e a visualização de novos conhecimentos.

O que poderíamos entender como uma redesocial? Para RIVOIR (2006), a análise de redes aparece como um instrumento para a compreensão do mundo atual, das conectividades entre as coisas e as relações que se dão, tentando inovar ao introduzir conceitos que nos permitem compreender a sua complexidade. De fato, através das conexões, podemos fazer a leitura das realidades em uma abordagem de rede, uma vez que

9. Ver FLEURI.

há toda uma correlação na estrutura social que perpassa, desde relações primárias antropológicas, família, vizinhança, criando sentido para as relações sociais mais simples até relações mais complexas dentro de um grupo, em coletivos de redes, em redes de redes.

Percebemos e acreditamos que, mediante a estrutura fragmentada de saberes, fazeres e práticas que o modelo capitalista nos impõe, o resgate de relações solidárias e em coletivos de rede se torna de fundamental importância, mesmo porque possibilita a troca e intercâmbio de experiência e o fortalecimento de grupos isolados que anteriormente poderiam parecer minoritários. Assim, a busca desse pensamento e desse fazer pode representar uma alternativa para superação da situação marginalizada dos movimentos sociais. Não que estes já não a tracem, mas o que queremos aqui é reforçar a idéia e a prática que temos acompanhado e percebido no interior dos Movimentos Sociais.

Dentro das preocupações da EFAP, a forma como os jovens recém-formados e os a formar irão se organizar, enquanto técnicos, vem assumindo relevância junto ao MSTR - ZM. O que implica pensar a profissionalidade dos 29 jovens que se formam neste ano de 2008 e das demais turmas. Como se darão suas práticas? Articuladas em rede ou fragmentadas?

Ao depararmos com esses questionamentos relacionados à educação continuada, à configuração de trocas e sustentação da profissão de jovens técnicos agropecuários, percebemos que o esforço constitui-se na preocupação de se manter a percepção e vivência da complexidade da organização em grupo, paralelo à necessidade de ensaiar uma nova experiência de convívio, num esforço de pensar e agir diferenciados, já com responsabilidade da intervenção na realidade.

Ainda a provocação posta pelos agricultores que irão se comunicar com esses técnicos, a busca e demanda é pela horizontalidade, da descentralização, da desconcentração do poder, o que não implica a inexistência de disputas e

conflitos, nem tampouco a substituição total da organização piramidal (MARTINHO, 2004). Constitui-se em manter papéis e posições de técnicos em formação que possibilitem diálogos contínuos com a agricultura familiar.

Nessa perspectiva, junto aos movimentos sociais sindicais, um dos maiores preocupados com a formação desses jovens, é necessária a orientação das ações desenvolvidas pelos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa-ação (já vivenciados pelos jovens no período de inserção na EFAP) após o período de escolarização. O que implica se permitirem vivenciar, refletir constantemente, integrando ações, construindo redes/teias por intermédio de associação ou outras formas organizativas. Enfim, usando técnicas que visem à participação equitativa de todos e todas no resgate e valorização dos conhecimentos, de forma que a reflexão e a produção de um novo conhecimento permitam uma nova compreensão da realidade e a qualificação para uma intervenção diferenciada no contexto territorial.

Além do mais, coloca-se como desafio o apoio e criação de alternativas para @s jovens recém-formados, enquanto possibilidade de exercer a profissão de técnicos agropecuários, vinculados aos movimentos sociais e com atuação regional. Enfatizando a solução de problemas, a adaptação às condições locais com base na experiência adquirida na EFA e a vir a ser adquirida com o tempo, com o espaço, com o ambiente, com as culturas, construindo trilhas para uma forma de vida mais digna no campo.

De jovem da agricultura familiar para técnico da agricultura familiar

Muitos são os desafios que se estabelecem para uma assistência técnica e extensão rural voltadas para a comunicação, diálogos e fazeres que valorizem os saberes, fazeres e sabores locais e populares da agricultura familiar e da agroecologia.

O que acontece na maioria das vezes é a incompatibilidade do pensar-fazer do técnico e do agricultor, formando uma barreira de difícil transposição no sentido de colaboração efetiva entre o conhecimento agrônomo científico e os conhecimentos e sistemas de produção da agricultura familiar (AZEVEDO, 2003). Por isso, nesse cenário, o pensar e repensar as Assistências Técnicas e Extensão Rural (ATERs) a partir da configuração de novos papéis e das identidades, deve ser um fazer constante.

Ao longo de sua história, a ATER teve como princípio uma extensão rural baseada na difusão, transferência, doação, entrega de conhecimento, com o intuito de otimizar a produtividade e o desenvolvimento do país nos moldes e princípios do sistema capitalista.

Nesse sentido, é presente a transposição de conhecimento aos trabalhadores e trabalhadoras rurais, sendo recorrente o conceito de extensão enquanto doação e entrega de conhecimento. No que diz respeito à extensão rural no Brasil, Dias (2006) faz uma discussão que enriquece a compreensão sobre a extensão rural:

a extensão rural era (e ainda é em parte) um instrumento importante do processo de modernização da agricultura, isto é, de transformação da agricultura tradicional, considerada como “atrasada”, “arcaica”, de baixa produtividade. Era vista como um instrumento para provocar mudanças de comportamento. É desta forma que os extensionistas e os agricultores se encontravam e ainda se encontram hoje em dia. Por força de um projeto político mais amplo defendido pelo Estado: a promoção do desenvolvimento rural por meio da modernização da agricultura. Para modernizar, os agricultores precisavam de assistência técnica, ou seja, precisavam aprender a usar novas técnicas e tecnologias que não conheciam ou não dominavam completamente. A adoção destas novas técnicas e tecnologias mudaria suas atitudes e comportamentos em troca de maior produção, produtividade e renda (DIAS, 2006).

Freire (1975) compreende a extensão como um ato educativo permeado pelo diálogo e orientando-se pelas necessidades, expectativas, desejos, interesses e demandas dos sujeitos envolvidos, por isso, questiona o termo utilizado, propondo uma nova nomeação para as ações extensionistas a “comunicação”. Termo que nos possibilita conceber a extensão, ou melhor, a comunicação a partir da reflexão, da troca de saberes, proporcionando a construção de novos conhecimentos. Possibilitando a mudança de posturas e compreensão da realidade para transformação da mesma.

Dessa forma, a compreensão do envolvimento para sustentabilidade da produção familiar perpassa, dentre outros caminhos, pela construção do conhecimento, evitando as monoculturas dos fazeres e saberes. Nesse sentido:

Quaisquer atividades agrícolas levadas a cabo por quaisquer agricultores estão inseridas em um conjunto de conhecimentos previamente estabelecidos por cada um dos grupos sociais a que pertencem esses agricultores. Esse conjunto de saberes, denominado de sistema de conhecimento, é construído a partir do modo pelo qual as pessoas categorizam, codificam, processam e emprestam significado às suas experiências (AZEVEDO, 2003).

Esse reconhecimento pode ser um passo para evitar as barreiras e transpor o assistencialismo da ATER. Bem como a compreensão de como os técnicos, ou melhor, as educadoras e educadores lidam com esses verdadeiros roteiros agrícolas das mentes e memórias dos agricultores e agricultoras na análise e julgamento do sistema de produção. Percebendo a forma como os processos constitutivos dos saberes científicos e populares dos profissionais em ATER e d@s agricultor@s se inter cruzam, se julgam. Isso pode contribuir para difícil transposição da falta de diálogo para as trocas de saberes e sabores.

Considerando que os educandos das EFAS são oriundos das Zonas Rurais e que ao conviverem em período de alternância, participando do período escolar e período sócio-familiar, são acrescidos por compreensões e ressignificação das suas comunidades e realidades socioculturais e ambientais, supõe-se que os egressos da EFAP podem contribuir para reconfiguração dessa relação histórica de assistencialismo e posição vertical dos saberes entre técnicos extensionistas e agricultores.

Essa é uma reflexão profunda, entretanto, por ser recente a formação dos jovens da EFAP, e estes ainda estarem definindo seus rumos no seio do apoio que encontram nas instituições, organizações e movimentos parceiros da EFAP, já podemos sinalizar que a orientação é para o apoio desses e consolidação de processos de comunicação e utilização de metodologias participativas por parte dos jovens técnicos.

Ainda não temos condições de apresentar resultados práticos a partir de sistematização de entrevistas e acompanhamento de campo, pois estamos no início do olhar investigativo, que começou desde o ano passado, mas que só se aprofunda no presente ano, principalmente por intermédio do programa Teia. Ou seja, tal pesquisa ainda busca financiamento e, por hora, o acompanhamento e investigação têm se dado de forma mais lenta e por intermédio de informações levantadas por estudantes acadêmicos dos projetos que integram o Teia e pelos próprios jovens, em encontros do programa entre universidade e comunidades populares. Dessa forma, no último tópico do presente texto, apresentaremos considerações gerais.

Monitorar essas práticas de forma sistematizada significa contribuir para a organização de uma educação continuada de forma intencionalizada e articulada a partir de redes sociais. O que representa também identificar ausências e permanências da EFAP, dos poderes locais, dos movimentos sociais e das organizações da agricultura familiar, no que diz respeito

à responsabilidade de acompanhamento do início da profissionalização dos egressos; através da identificação e análise, das práticas sociais que se consolidarão por meio dos técnicos egressos desta EFAP, e ainda identificar como essas práticas têm contribuído para a consolidação em rede da agroecologia enquanto uma inovação de tecnologia social na Zona da Mata.

Caminhos dessa pesquisa

Para o alcance dos objetivos propostos, como já mencionado, escolhemos como unidade empírica de estudo o universo dos jovens técnicos egressos em 2007 pela EFAP.

A escolha de análise desses egressos se justifica por ser a primeira turma de formandos em técnico em agropecuária de EFA, na Zona da Mata Mineira e pelo vínculo que possuímos com a EFAP por meio do Movimento – grupo Eco pedagogia, por meio do projeto FINAEFA e pelo Programa Teia.

A orientação metodológica segue pelo estudo de caso etnográfico de abordagem qualitativa, de forma a analisar as questões centrais dessa pesquisa e atender aos objetivos propostos, compreendendo que essa é uma escolha inicial e que poderá modificar-se durante essa. A pesquisa deve compreender fases de exploração, que já se encontram em andamento, avaliação e análises.

Dessa forma, buscamos no presente estudo trabalhar com ênfase no processo e no produto, levando-se em conta a dimensionalidade do contexto local e territorial aos quais os jovens se encontram, bem como da EFAP, em pretensão de ampliar o assunto ao articulá-lo ao contexto social do qual faz parte, considerando a abordagem qualitativa de análise. Apesar de uma fase distinta, com denominação “análise”, durante a fase de coleta de dados a análise já poderá estar ocorrendo.

Pela opção metodológica de estudo de caso, estamos percebendo como necessária, além do qualitativo, uma abordagem

fenomenológica e empírica, que se preocupe com as interpretações dos significados atribuídos pelos atores às suas ações e das interações sociais produzidas entre esses. Assim, a necessidade de delimitação de um caso empírico surgiu a partir da necessidade de análise de uma situação local em específico. Ao focalizar uma situação, adequou-se à investigação de problemas práticos e de questões que emergem do dia-a-dia (ANDRÉ, 2005), pois o estudo de caso tem como principal propósito realçar as características e atributos da vida social, ou seja, uma instância em ação.

Tal opção se justifica por acreditarmos que o conhecimento gerado pelo estudo de caso é mais concreto, pois encontra eco em nossa experiência, mais contextualizado, por estar entrelaçado a um contexto específico, mais voltado para interpretação do leitor, na medida em que esses trazem para o estudo de caso suas experiências e compreensões, as quais levam a generalização quando novos dados são adicionados aos velhos e baseia-se em população de referência determinadas pelo leitor, uma vez que esse participa ao estender a generalização para populações de referência (ANDRÉ, 2005).

Dessa forma, no decorrer do presente ano, pretendemos utilizar técnicas de coletas de dados no estudo de caso de forma eclética, incluindo: Observação, Entrevistas, Fotografias, Documentos, Anotações de Campo e Negociações com os participantes do estudo. Por essa flexibilidade, não estamos preocupadas em estabelecer um roteiro rígido que determine com precisão como a pesquisa deverá ser desenvolvida, respeitando os contornos próprios assumidos durante o estudo.

Nesse sentido, há possibilidade de uma triangulação nos procedimentos metodológicos e por acreditarmos que nem sempre os significados são expressos diretamente na linguagem, são transmitidos também por meio da ação, abrangendo o que as pessoas fazem, o que elas sabem e as coisas que elas constroem e usam.

Devido ao fato dos egressos residirem

em diferentes comunidades que possuem uma distância considerável entre si, os instrumentos de coleta de dados e informações poderão ser realizados na Assembléia anual, que ocorre em todo final de ano e que reúne a AREFAP, ex-alunos e demais envolvidos, não descartando a possibilidade de trabalho de campo nas respectivas comunidades dos egressos.

Terminando por enquanto

Por hora, o que temos observado, principalmente após o II Encontro Estadual de EFAs, é que há um forte movimento por parte das EFAs de que os recém-formados se tornem futuros monitores dessas e/ou parceiros do movimento das EFAs. De uma turma de 25 (temos que confirmar isso) formandos, já constatamos que 6 viraram monitores de EFAs e 3 se encontram em processo de aproximação da AMEFA.

A Pedagogia da Alternância se fortalece no diálogo do conhecimento empírico dos/as agricultor@s com o conhecimento científico, alternando períodos na propriedade e na escola. A metodologia não desvincula o/a estudante da família nem da escola, pois, dentro da estrutura metodológica prevista, as atividades curriculares têm parte desenvolvida na escola e parte na família.

Na busca de superar a dicotomia entre teoria e prática, o saber intelectual com o popular, a prática educativa no meio rural, que para a sua efetivação deve levar em consideração a realidade histórica do processo de exploração inerente à sociedade de classes.

Nos dizeres de Lourdes Silva (2003), a formação do e da jovem na alternância possibilita a reentrada da família no meio escolar, pensando que, ao longo história da escola regular, tem excluído o meio sócio-familiar da dinâmica escolar.

Dessa forma, o jovem recém-formado pelas EFAs tem demonstrado a apresentação de práticas sociais vinculadas ao conhecimento empírico e popular, estimulado pela metodolo-

gia de trabalho que a alternância oferece. Logo, percebe como imprescindível o conhecimento dos agricultores, bem como sujeitos da educação que estão envolvidos nas suas práticas profissionais.

Quanto à questão daqueles que se tornaram monitores, ou ainda apresentam esse projeto profissional, segundo Begnami (2007), aparentemente à formação dos monitores das EFAs, que são em sua maioria oriundas da rede tradicional de ensino, é algo complexo, pois é preciso uma ruptura epistemológica para passar a viver em um outro sistema pedagógico, uma outra concepção de formação e educação. O que podemos analisar é que, no caso d@s jovens formados pela mesma, que assumem a profissão de monitores, já indicam um avanço quanto a essa ruptura, passagem, uma vez que se formaram na alternância e compreendem bem sua proposta, pela vivência enquanto educand@s. Ao mesmo tempo, por serem filhos dos sindicalistas, das famílias agricultoras, aproximam-se mais da relação família–escola, movimento escola, o que vemos é o início de uma rede fina de tecituras, comprometida com uma educação do campo.

Para além, ainda não possuímos informações e dados já sistematizados, mas podemos indicar, pela conversa com esses 9 jovens técnicos monitores, que alguns de seus companheiros se encontram como produtores e/ou na busca de trabalho como técnicos agrícolas. Em concordância com Silva (2003):

A alternância, enquanto princípio

pedagógico, mais que sucessões de seqüências, visa a desenvolver na formação dos jovens agricultores situações em que o mundo escola se posiciona em interação com o mundo que os rodeia. Buscando articular universos considerados opostos ou insuficientes interpenetrados o mundo da escola e o mundo da vida, a teoria e a prática, o abstrato e o concreto – a alternância coloca em relação diferentes parceiros com identidades, preocupações e lógicas também diferentes: de um lado, a escola e a lógica da transmissão de saberes e, de outro lado, a família e a lógica da pequena produção agrícola. Assim, ao apresentar uma nova dinâmica de interação entre os atores do projeto educativo, a formação em alternância traz em seu bojo uma problemática complexa em termos de relações construídas entre o meio escolar e o meio familiar/produtivo (SILVA, 2003, p. 12).

Concluindo, a formação pela alternância proporciona a reintegração entre o trabalho, o meio social e o meio cultural para a construção do aprendizado no tempo de formação escolar e após ensino médio. Como Duffaure (1991, apud GNOATTO, 2006) afirma uma alternância entre o trabalho e escola será benfeitora se, sob quaisquer circunstância, a iniciativa e as relações humanas são o pano de fundo, e não a técnica sozinha. Dessa forma, a alternância possibilita @ jovem uma formação mais integral, abrindo um diálogo na construção das relações familiares e comunitárias.

Referências

ANDRÉ, Marly E. D. de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro, 2005. (Série Pesquisa).

AZEVEDO, Rodrigo A. B. Os agricultores tradicionais e a agronomia: a difícil compatibilidade dos modelos conceituais. In: I SEMINÁRIO MATO-GROSSENSE DE ETNOBIOLOGIA E ET-

NOECOLOGIA E II SEMINÁRIO CENTRO – OESTE DE PLANTAS MEDICINAIS, 2003, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: Unicen, 2003.

AZIBERO, Nadir E. **Relações de saber, poder e prazer:** educação popular e formação de educadores. Florianópolis: CEPEC, 2002.

BARBOSA, Willer A. et al. **Alternância educativa:** saber em movimento. [s.l.]: NUP/CED/UFSC, 2004.

BARBOSA, Willer, A. **Pedagogia da alternância, os sentidos dos instrumentos pedagógicos.** In: XI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2002, Goiania. Anais..., Goiania: [s.n.] 2002.

COELHO, Maria de Fátima B.; JÚNIOR, Plácido C.; DOMBROSKI, Jeferson L. D. (Org.) **Etnobiologia, Etnoecologia e Plantas Medicinais.** In: I Seminário Mato-grossense de Etnobiologia e Etnoecologia e II Seminário Centro – Oeste de Plantas Medicinais, 2003, Cuiabá. Anais... Cuiabá: Unicen, 2003.

ASSOCIAÇÃO DAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS. **Escola Família Agrícola:** construindo educação e cidadania no campo. Belo Horizonte: O Lutador, 2004.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FUNDEP - Fundação de Desenvolvimento Educação e Pesquisa; MMTR - Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais. **Agricultura Ecológica e Saúde.** [s.l.]: FUNDEP, 2002.

MACHADO, Vinícios A.; CARVALHO, Cirley O. **Regimento Interno:** Técnico em agropecuária integrado ao Ensino Médio - Escola Família Agrícola Paulo Freire. Acaiaca: 2005.

MARTINHO, Cássio. **Desafios do trabalho em rede.** Brasília: WWF-Brasil, 2004.

MDA. **Declaração de princípios e programa de ação da Conferência Mundial sobre Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural.** Roma, 1979 – ONU para a Agricultura e Alimentação. Brasília, 2005.

MEC/CNE/CEB. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.** Resolução CNE/CEB n.1/02, Brasília, 2002.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

Revista da Formação por Alternância. v.1 (2005) Brasília: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, 2006. v. 2, n. 2. Semestral.

RIVOIR, Ana Laura. **Redes sociais:** instrumento metodológico ou categoria sociológica? Disponível em <[http://www.sociologia.ufsc.br/programas/spo/spo3002\(20071\)](http://www.sociologia.ufsc.br/programas/spo/spo3002(20071))>. Acesso em: 20 ago. 2006.

SILVA, Lourdes. H, da. **As experiências de formação de jovens do campo:** alternância ou alternâncias. Viçosa: UFV, 2003.

SOUZA, Romier; SILVA Ruth C. da; MACIEL, Franquismar. **Multiplicação dos conhecimentos agroecológicos:** a experiência de extensão rural na região tocantina (Pará). In: II Encontro Nacional de Agroecologia, 2007, Pará. Resumos. Pará: [s.n.], 2007.

VIEIRA, Tatiana. R.; MACHADO, Vinicius. A. **Escola Família Agrícola Paulo Freire:** iniciativas para vivenciar a agroecologia na formação dos jovens. In: II Encontro Nacional de Agroecologia, 2007, Pará. Resumos... Pará: [s.n.], 2007.